

PEDREGULHO

cicio
marília cafe

Quero escrever-te como quem aprende.

CLARICE LISPECTOR EM *ÁGUA VIVA*

© 2026, Marília Cafe
© 2026, Editora Pedregulho
www.editorapedregulho.com.br
edição digital: junho de 2026

todos os direitos reservados e protegidos
pela lei nº 9610/98. é proibida a reprodução
total ou parcial sem a expressa anuência da editora.
este livro obedece às normas do
acordo ortográfico da língua portuguesa.
impresso no brasil

isbn: 978-65-6098-066-2

projeto gráfico, capa
editoração eletrônica
Marília Cafe | @mariliacafe

revisão
Thiara Cruz

cicio

marília cafe

pedregulho | 2026

um fragmento do instante

se desenha
como um fio cerrando minhas mãos.
preciso dos dedos para ver.
a pele.
condensar nos metacarpos um não dito.
é esse sentimento sem nome,
ressonância na reminiscência
— infalível.

a lembrança me move
a memória para você.

tento
distante
a faísca das possibilidades.

sinto apenas o que eu crio
e eu crio em demasia.

sinto dentro uma pedra diante do estrondo
um intervalo alocado no imaginário que carrega vontades

faltas
erros
sonhos
frustrações

querer ficar perto
para talvez conseguir gozar o silêncio.

analiso textos para encontrar uma recordação
criada neste instante
(e isso é apenas um desejo)
um caminho por onde posso andar
contando o que não pertence a ninguém.

hoje você esteve em mim,
pujante.
eu não tinha entendido o motivo até que soube.
é como se em todo lugar algo sussurrasse
pedindo para eu olhar com calma
o detalhe que existe
você

eu olho infinitas vezes
até o lamento sumir.

o resgate da imagem é o deleite

é um deslumbre.

o que a mão não alcança

já está ante ao pensamento desde o início.

é uma fronteira, um espaço

o marco zero da tenção

magismo

é o aviso de um devir dilatando meu corpo

— esse acervo.

luzes traçadas numa era feita em triz.

tudo fibrila.

o olho vara o véu,

recolhe o que o tempo dispersa

como quem toca o invisível

o pulso da matéria cintila,

se dissolve em lampejos.

risco traço

suspenso no ar

onde a sombra dança.

o contorno se refaz,

como se a memória moldasse o instante

antes que ele escape

é um deserto o amor

é um derramamento.

é madrugada

ecoo a voz áfona do que poderia vir a ser

dói a ponto de não me fazer esquecer o que eu não tive

é uma ladainha

é um desgaste

é um perdão.

não há o que ser feito quando não se diz nada além do que
está posto. a partir do momento em que as palavras se
alinham, tudo toma forma e a forma pode ser um ser capaz
de engolir o mundo. por isso, não há riscos se não há palavra.
assumir os sentidos depois de uma catarse em um momento
de descanso
estarece.

tenho agora essa informação e me encontro atônita.

não há saída para isso

é intocável pelo outro.

vaza de mim, é vento.

ninguém vê se não há ouvidos.

vem tomando espaços

deixando a percepção

:

existe algo palpável

escondido
cerro os olhos
numa imagem inventada
mensagem do cérebro
com rostos e rasgos
reflexos triangulares
de uma distração
perfurando, com o calor do sol,
a derme
chegando ao que produz
ao que falta.

e se nos descobrissemos

agora

à beira da morte,

seria diferente?

as chances estão além do inverno

a história existe mais dentro do que fora
o tempo cabe no fundo dos seus olhos.

eu vi com calma o mundo
em um momento fosco
na sua mão atravessando o limiar
entrando no meu desejo

certa tristeza invade a sala morna do sábado
ainda olho os mesmos espaços do mesmo jeito
procuro uma solução
um portal que me faça esquecer
a falta do gesto e da paz
que eu achava ter
antes
mas não dessa forma
de agora — que passou

me despeço infinitas vezes

enquanto acesso o que consigo
se está comigo a luminescência
é porque já tive ápices de pânico.

mesmo em ruínas intangíveis
quero ser legível
legitimar
ter fôlego para atravessar a viração

— querença de contato
tato na raiz da presença —

cuido para não perder a ânsia
de criar espaços e dar sentido
reforçar a vida que há
e que cabe na escolha

uma carta, um parágrafo
uma linha, uma letra
um indício
a chama.

tudo se movimenta para a dissonância

em algum lugar

pelejando as horas que estão no vão
do meu pensamento
a espera não se dissolve
— se arrasta em espirais de tempo

encontro um caminho
entro numa busca

de você sei o dito na amplitude
a ausência
nome sem corpo
vento que se espalha por frestas.

nisso tudo a torção
nô que rodeia, atravessa
chaga santa que se cria
na cruz em que me pego
onde repousam minhas perguntas.

se há limites para a palavra
o pensamento cumpre desígnios
concentra a fuga em massa
da prisão criada por um momento:

o limite diluindo,
movimento da planta anunciando a chuva
raízes que sentem antes de tocar
assim como o corpo sabe antes da razão.

na medida possível do impasse
traço rotas, desmembro ruas,
invento passagens no mapa do irreal.
e penso

(penso demasiado sobre o mundo dentro do desejo)

— como seria caso fôssemos?

falta tradução
porque não há

suspender a passagem

em pedaços de instantes
andar pelo abstrato:
a cidade me toca.
o corpo, de pé, balança sem ventos
espasma cansaço

— talvez nunca tenha sabido se desligar
por ter medo de perder o sentido das coisas —

enxergar o que há dentro das pedras
se mais pedras ou um imenso vazio
uma planície de estios, um lago

largo este chão onde me deito
sublinho o retalho, a lacuna

uma tarde que rareia
é cinza o embate,
a bandeira tremula hasteada no estômago

uma borboleta voando calma
e só
numa espiral de abalos.

não há grandes catástrofes
a não ser as que moldo

a direção do olhar
a gota de chuva
a partilha no segundo

tanta coisa a dizer e a voz falha
— conter sentidos é saber da melancolia.

o dia se dobra sobre si,
recolhe-se em sombras alongadas,
silenciosas como quem espera
sem saber o quê.

o tempo se espalha em ranhuras
num relógio sem ponteiros
onde o instante hesita,
o corpo se torna memória
antes mesmo de partir.

neste abismo onde estamos

sãos com nossas vertigens
evidenciam-se partes

busco no infinito um som que não ensurdeça
paraliso diante desta parede morta
um pensamento condicionado ao limbo

tremor

acumulo referências e trechos e textos que me criam
e me projetam numa não existência catalisadora
nós no quase
essa borda que não tem começo,
não termina,

amálgama.

espalhar-se

nesta terra tomada
intentar o horizonte
assinar o armistício consigo

desmembrar o sentimento

fazer da sombra a janela da casa
respeitando a luz que entra lenta
diária

reagir além dos sintomas fisiológicos
e fenômenos motores. observar as cargas elétricas que
atravessam
o corpo: um estudo de si na amplidão da solidão.

fal(h)ar.
escavar o silêncio
como quem busca água em pedra,
abrindo fendas no tempo
com a lâmina da respiração

existir é uma reverberação
um campo magnético
de correntes invisíveis

o pensamento se desfaz
em descargas súbitas

se refaz
entre o verbo e o vazio
entre o ímpeto e a espera.

olhar as sensibilidades com ternura

para polir-se de sentimentos

em um espaço-espelho,
não ser risco, arriscar:

voltar para si numa interjeição
entender a importância do sonho
dentro

(a pedra embaixo dos joelhos
penetra de forma nociva

tirá-la?)

o que é cômodo
é um risco, um estrago saber
das transformações
do que não se move
é lícito
perceber quem está na dianteira
respirar

objetos postos em lugares indistintos

se locomovem dentro da mente
com passo dado em direção ao enigma.

não há diferenciação de valor até que se acomodem os
perigos e suas iminências de consciência. balizar com lucidez
a emoção é por à prova o fogo:
do que vale
do que é instante
no instinto de experimentação.

a carne sabe (antes do suplício) como alagar um tanque
a guerra é entre o juízo e o início
a boca espera
(uma fenda; a abertura; a vez; a voz.)
provar o que já é sabido
avaliar perdas
relembrar inutilidades
recolher-se
e jogar fora

:

é isto o frenesi e o estertor
querer estar entre lampejos de uma alegoria pré-existente
num arroubo de minutos atrás
glórias de um afago que não se sabe quando neste exílio
reconhecimento da vontade de poder além de palavras

como se elas ocorressem como um rompimento
é um não se dar conta tendo certezas.

deixar de fora a poesia

e abraçar o racionalismo confesso em demasia?

de volta à carne imposta

demandada pelo cérebro e suas pretensões
forjadas à beira do rio da loucura

seria essa a força do tempo enquanto viro páginas de
um calendário de esquecimentos? dentro dele, abro a
existência como quem abre a janela para receber o sol
depois de uma noite insone. divago sobre o que há entre
minhas retinas e o último ponto que o universo me oferece

vejo os espaços
nadas entre declarações
nado no ar das considerações
todas muito bem postas nesta ocasião

eu, sem improviso no mistério que é ser no nunca
tateando o imprevisível na circunferência do que me é
permitido
contemplando o estrago nítido intocado nesta estrada por
onde caminho só

é antes e sempre o delírio
que burla o sistema de pensamentos envaidecidos
dentro de sua própria vila sem fronteiras
dentro de minha alma desocupada.

ante ao suspiro que criou o mundo

o silêncio catatônico pairava em cor de tarde
dentro dos seus poros
longevo foram os segundos antes da arrebentação
um baque de impacto nas linhas dos pensamentos
das mãos
encostando neste torso caótico
catártico.

corta como faca o vento
e me deixa à beira
os elementos do mundo se paream, me habitam
mas não moram

vêm de jangada num vento quente
ornando com flores secas o dia exausto

dentro, a origem é um depósito de vontades
um misto de ser e ter a verdade
e dispor a escondê-la de si

um dédalo
decano neste imenso argueiro
uma angústia
faminta nesta hora de ser

estirpe de melancolias programadas
para cumprir o que não combina

o sentir passa ligeiro por tudo deixando rasgos
num movimento de ruína

cada vez mais é este o nosso papel
e falhamos miseravelmente.

seguir tentando não se achar

no meio do que é frívolo
apostar no vácuo
arrefecer no vício

(tentativas vãs de alcançar o paraíso
sem passar pela clausura)

enquanto o universo
e toda sua duração potente
continuará a seguir seu rumo
recorrente
numa autossemelhança obsessiva
— seu próprio padrão de dependência.

aqui, amanhã já é hoje
existindo na ponta do dedo de quem conta galáxias
e o símbolo do cosmo é a mancha na luneta

anoiteço junto com a umidade
o céu é no íntimo
açoita.

por mais certo o golpe

nunca haverá a solidão de suportá-lo.

larga lacuna dentro do bloqueio

que há entre o olhar e o silêncio
um toque fura a tez
— uma aglutinação em meio ao arrepio
indo a nenhum lugar adentro.
adiante, apenas a intimidade
risco que borda o espírito
em toda sua altivez

na paragem
respiro um soslaio
que o curso exato do vazio
dobrando esquinas onde não há paredes
inventa rostos no avesso da bruma

sempre a meio passo
do que nunca chega
entre o peso da pele
e o abismo de um pensamento

o espectro
contínuo
sustenta o corpo
e não o entrega.

o outro, reflexo mal desenhado
na superfície de um lago
narciso.

movimentos súbitos

ponderando a mesma fissura

jeito de gosto na ponta do gesto

uma coreografia no desejo

balada sentimental
desprender-se do absurdo
num exímio retiro da razão

tons de flamar
deflagrar o céu em gradações transparentes
cabem no instante que hesita a poética
estar ao lado de si
num trajeto de tentativas

será ineficaz a palavra
quando se abraça o segredo?

eu te amaria

em muitas circunstâncias
se fossem os pensamentos
para além dos prejuízos.

é longe onde vejo

nas horas após a queda
a força cessando na incerteza
— uma aresta fina que corta rente
a pele
um mapa de equívocos
na tarde do pensamento.

(devolver ao fracasso um estímulo
que respire e crie
entendendo a lógica torta do torpor)

neste instante estilha
casa vazia
janela aberta
olhos que buscam
no céu um sinal
em nuvens que escondem a lua

é longe onde vejo
as sombras dispersas
da memória,
em ruas que nunca existiram
senão no reflexo de olhos exaustos

— que buscam.

no vento inclinado sobre a noite,
a ausência se ergue sem nome

tateando o contorno das coisas perdidas,
gestos pequenos esquecidos no escuro.

(devolver ao silêncio um sentido
que pulse e hesite,
reconstruindo em ruínas
a linguagem do abandono)

quando a cidade dorme
resta o frio das perguntas
suspensas no ar —
o que permanece depois do eco?

o tempo nos sons espalhados pela casa

disposto em tudo o que é singular

a pele

o cérebro

a reminiscência

(ordem de prelúdio)

repare:

a pulsação, o movimento

— o amor, uma paisagem

no âmago, uma perambeira

a evolução das coisas

o universo na hora

um timbre.

pré-sentimento

partículas

sonhos cristalinos

defronte ao espelho

(percorro este campo com serenidade por saber que,
de repente, a linguagem me esquece e ficam apenas os
pensamentos organizados em quereres equilibrados e
morosos. se sou lânguida, arrefeço.

por isso latejo
e lembro.

)

um sopro

o nada
abismos que crescem em fissuras
na hora que corre pela sombra

escrevo para me ver
em meio aos sons
externos, sem adjetivos

penso mais do que devia:
na mulher que fui
na mulher que foi
nos estilhaços

cuido para que não morra
ou talvez renasça
dessas ruínas
alguma vontade de ser

(feliz?)

e vivo nela sendo alguém.

sou um espelho do que eu não desejo.

tenho escolhido silêncios.

me perdi e me procuro na mesma proporção.

duro como uma pedra
é traduzir isto
enquanto o mundo dói
e tudo se reduz ao dano

ser é uma ameaça a si
uma viagem que cabe num labor,
numa cela,
um claustro numa corda bamba
várias rupturas
e a solidão em perspectiva.

a palavra falta mas o cérebro não acalma
o risco desalenta
a liberdade reprime

— viver é uma tentativa
é um grande revés
um poço profundo
com água barrenta em sua base —

tenho desenvolvido habilidades
em quebrar, em desconhecer, em desabitar
acidentalmente aparecem cortes
que doem para me lembrar
que há dor
que a vida palpita
independente ao devir

ofereço minha imobilidade
crio pressupostos que enganam meu exício
escrevo para me reaglutinar

me olhando de fora eu sou apenas apatia
o nada

habitar-se

habituat-se

no tempo

encontrar no istmo

o estrondo

a língua na curva da terra
do corpo

cercado de água
que tocam os dedos

sentidos ampliados no desejo de estar
e ter
antes do tempo exato
ante todas as partes

da mulher,
saber todas as sendas.

olhar para seu corpo descansado
contemplar, como Cymon, Iphigenia

criar uma galeria de sensações
engolir o mundo
a presença

o tempo paira
hesita
{°}
um véu translúcido
a quietude
um mergulho

hálito morno sobre a pele
uma ausência

deitar sobre ela
um deleite imenso
inefável
posto na tez um triz
latejar em som
o afã de muitos ais
abrir-se em cicio
jorrar.

na dobra do agora

no gesto que não hesita
há um sim que se prepara

o toque muda de idioma —
fala onde o corpo escuta
sem palavras

no espaço estreito
onde o mundo se dobra
abrem-se margens:
não por invasão
mas por entrega:
um silêncio se alarga
até o som.

onde tudo se encaixa
há uma dança
sem passos fixos

me recebo em sua mão
num contorno que se desfaz
para ser inteiro

e quando escorregamos
entre riso e olhar
entre tensão e gozo
sabemos:

também é amor
onde cabe tudo
inclusive o que não se diz

(há orações que só o corpo entende.)

um corpo calmo

coeso

em busca da casa

— som que se alastra

casulo —

espaço físico

ermo

coberto pela ânsia

de ver além

de vir a mim

a pluma que, do sono nos sonhos, flutua

no enlaço das mãos na madrugada

sentidos de paz.

dividir, com o amor, a cama

a vontade de ser

como uma pista recém-descoberta

chave que abre pulmões

para respirar profundo em meio à névoa

carne viva

que orna a vista
sussurro do cosmos
nas linhas que o tempo esculpe
em contemplação

filamentos de memória
tramas que crescem em silêncio
mapas do corpo que narram a era

florestas miúdas
numa dança de criação
raízes que guardam o som do primeiro mundo
no espírito do que é selvagem e sagrado

(uma ponte entre o íntimo e o imenso)

estrelas terrenas
infinitos detalhes
vastidão

diante de ti,
venero
o que é real
a teia onde a natureza tece meu destino
sua eternidade
seu corpo em diálogo com o vento
sua carne em sintonia com a terra

com dedos em delicadeza
eu leio a mais profunda das verdades
— o universo em sua tecitura.

situar-se

no âmag de um vazio que se expande
num chão, moldado pelo hábito, que jamais se firma
deitar no céu, infinito em indiferença
vastidão
na certeza de que nada
(exceto o instante)
nos pertence

(num momento
que se alonga)

o passo hesita
diante do abismo de verdades inevitáveis
e, ainda assim,
a vontade respira
um alento resistente
que insiste em traçar caminhos
onde só há neblina

cercada pelo vão entre os corpos,
elocuções que nunca pousam

(ser é uma coisa sem resposta)

a presença não habitada num espaço vasto entre o que sou
e o que me veem ser. navego no hiato, segurando na mão

invisível. e a outra chega trazendo seus mundos inteiros na
íris, nas mãos, na língua. soma às minhas trilhas seu deserto e
não desfaz minha paisagem.

ela (se) parte

eu paro nesta encruzilhada

— linha invisível que trago nos pés e que não conhece atalhos
compartilhados.

sigo

Em *cicio*, Marília Café escreve a partir do ponto em que a experiência ainda não encontrou palavra. Seus poemas se movem entre pensamento e sensação, acompanhando o surgimento das imagens que atravessam o corpo antes de se tornarem linguagem.

A escrita percorre estados de memória, desejo e ausência, construindo uma poesia de observação intensa. Cada poema se aproxima de um gesto de escuta: do tempo, do silêncio, das forças invisíveis que organizam a experiência de existir.

Entre fragmentos reflexivos e imagens sensoriais, *cicio* desenha uma paisagem interior em constante deslocamento. A linguagem não busca explicar o mundo, mas tocar o que nele permanece irredutível.

O poema aparece, então, como espaço de passagem — entre aquilo que se vive e aquilo que ainda tenta ganhar forma.

E talvez escrever seja justamente isto:

aproximar-se do instante em que a vida começa a se tornar palavra.

Realização:

FUNCULTURA

GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Cultura

